

Mamoplastia: do desejo estético ao imperativo funcional

Em entrevista ao *Perspetivas*, João Bravo Ferreira fala-nos das principais evoluções que o universo da Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética presenciou no nosso país, antes de nos esclarecer sobre os propósitos das Mamoplastias de Redução e de Aumento.



Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa e especialista em Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética, João Bravo Ferreira corresponde a um dos nomes mais experientes e marcantes da área em Portugal. A comprová-lo, importa salientar que após o período enquanto interno no Hospital Dr. Egas Moniz, o nosso interlocutor desempenhou a função de médico consultor em unidades como o Hospital de Sant’Ana, a Clínica Médica Dr. Tallon e o Centro de Medicina Física e de Reabilitação do Alcoitão.

Experiências como estas complementam-se, todavia, num currículo que inclui não apenas o trabalho desempenhado enquanto cirurgião plástico no Hospor (atual Hospital da Luz de Setúbal), mas

também em entidades como o Hospital de Jesus e o Hospital do SAMS (onde ainda exerce funções), às quais se veio acrescentar a Ginalto – Clínica de Ginecologia e Cirurgia Plástica.

Evolução tecnológica e estética

Propagando-se por múltiplas décadas de trabalho, um percurso profissional como este constitui uma útil oportunidade para melhor se compreender o desenvolvimento da Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética em Portugal. Uma vez questionado sobre essa mesma evolução, João Bravo Ferreira começa por constatar que, em termos gerais, “a técnica cirúrgica básica continua – com maior ou menor re-

quinte – a ser a mesma”. No entanto, e em oposição ao que se verifica no caso de outras especialidades médicas, este é um universo em que “não existem dois pacientes iguais”, afigurando-se necessário “conjuguar os gestos básicos que são aprendidos na forma ideal de solucionar cada caso”.

Nesse contexto, o especialista sublinha “a grande evolução tecnológica” que se refletiu no surgimento de novos aparelhos e mecanismos que, por sua vez, “permitiram coadjuvar ou substituir os antigos tratamentos cirúrgicos”. A título de exemplo, pode referir-se o advento da técnica laser para procedimentos como o resurfacing (combate ao envelhecimento facial), a substituição de arames por placas de titânio no tratamento de fraturas da face, ou o desenvolvimento da microcirurgia. Dinâmicas por natureza, as evoluções em torno da Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética têm vindo a refletir-se também no facto de, atualmente, “se efetuarem intervenções mais pesadas do que há dez anos, embora com uma taxa de complicações muito menor” em regime pós-operatório.

Todos estes correspondem a progressos científicos ou tecnológicos que, no entender de João Bravo Ferreira, não teriam exercido o mesmo impacto na especialidade caso não tivessem sido devidamente acompanhados por uma maior preocupação social em torno da estética. “A partir dos anos 1980, começou a notar-se uma grande divulgação da Cirurgia Estética”, verifica o nosso entrevistado, acreditando que este terá sido o principal agente catalisador da especialidade. Ano após ano, e de forma gradual, a realização de intervenções desta natureza transformou-se “num dado socialmente positivo”, não tendo sido, para tal, pequenos “os impulsos oriundos do Brasil – país que

teve uma explosão a nível do desenvolvimento desta especialidade”.

Consequência natural de tal ciclo, assistiu-se a “uma vulgarização e democratização da Cirurgia Estética”, num aspeto que conduziu “à crescente procura de técnicas que permitissem tratar mais pessoas a menores custos”, prossegue o nosso entrevistado. Foi precisamente nesse âmbito que os tratamentos complementares estéticos de natureza não-cirúrgica ganharam um valioso destaque. Como tal, e paralelamente à adoção da tecnologia a laser, este transformou-se num universo cada vez mais associado à utilização do peeling químico, à microdermoabrasão, fillers, toxina botulínica e – mais recentemente – à aplicação de células estaminais ou à administração de fatores de crescimento.

Mamoplastia de Redução

Um elemento que João Bravo Ferreira faz questão de salientar é que as intervenções cirúrgicas desempenhadas no âmbito desta especialidade poderão atender a uma necessidade maior do que o mero imperativo estético. Fazendo jus à sua designação, esta corresponde à circunstância mediante a qual “estamos a lidar com um elemento do corpo que se encontra em estado normal, mas que se pretende melhorar”. Existem, por outro lado, situações em que o tratamento efetuado tem em vista “a reparação de um dano verificado no organismo, com o objetivo de repor-se a normalidade” – tratando-se esses de casos em que a intervenção cirúrgica assume, essencialmente, um caráter funcional.

Um dos melhores exemplos dessa necessidade reside na Mamoplastia de Redução, que consiste numa intervenção cirúrgica tendo em vista a diminuição

Mamoplastia de Redução

do tamanho dos seios femininos. Ainda que geralmente associado a uma simples decisão estética este corresponde a um tratamento que, não raras vezes, se justifica pela preservação da saúde e bem-estar da paciente. “Cerca de 70% das doentes que opero para redução mamária são encaminhadas por Ortopedistas ou Neurocirurgiões”, esclarece o nosso interlocutor. Na grande maioria destes casos, o excessivo peso dos seios afigura-se como um elemento potenciador de problemas na coluna vertebral.

Lembrando que “existem técnicas descritas de redução mamária desde há mais de 50 anos”, João Bravo Ferreira constata como as mesmas foram evoluindo, consoante o seu principal objetivo: privilegiar o formato do seio ou procurar reduzir o impacto da consequente cicatriz. Mais complexa do que a modalidade de aumento, a Mamoplastia de Redução deve levar em consideração a idade da paciente. “Para uma mulher jovem que ainda não tenha tido filhos, nesta cirurgia – quer seja feita por motivos funcionais, quer estéticos – deve ser utilizada uma técnica que, tanto quanto possível, preserve a parte central do seio e mantenha a continuidade entre a mama e o mamilo”, explica o João Bravo Ferreira, pelo que nestes casos “a redução é conseguida fundamentalmente pela excisão da parte periférica da ma-

ma”, garantindo a sua posterior funcionalidade.

Mamoplastia de Aumento

Já de cariz puramente estético, a Mamoplastia de Aumento constitui o procedimento cirúrgico mediante o qual o volume dos seios é incrementado pela aplicação de próteses. Ainda que, pelas suas características, esta seja uma operação que não corra qualquer risco de interferir na funcionalidade das glândulas mamárias, a sua realização é efetuada apenas em pacientes com mais de 18 anos de idade, uma vez que é essencial que o desenvolvimento de todo o organismo esteja concluído antes de qualquer intervenção.

Em consonância com o restante universo da estética, também a Mamoplastia de Aumento testemunhou o surgimento de progressivas evoluções, nomeadamente no que às próteses utilizadas diz respeito. Se, posto isto, as primeiras “assemelhavam-se a um disco voador”, posteriormente, surgiram outras “mais anatómicas, em forma de gota”, lembra o especialista. Hoje em dia, no entanto, a diversidade de próteses é tão ampla quanto a finalidade pretendida, pelo que para além do tamanho, é possível que o cirurgião e a paciente levem em consideração fatores

como as características do seu tronco ou o local a partir do qual será efetuada a incisão.

Neste âmbito, e lembrando a insistência de alguns mitos que ainda perduram, João Bravo Ferreira esclarece que não há necessidade de remover ou substituir as próteses – mesmo após um intervalo de dez anos –, caso o seu desempenho permaneça intacto e não se verifique qualquer problema através da informação recolhida em ecografias e mamografias. Ainda a este respeito, o especialista verifica que “a qualidade das próteses disponíveis no mercado – e a confiança dos principais fabricantes – é de tal ordem que as duas principais marcas a nível mundial oferecem uma garantia vitalícia nas suas gamas mais elevadas”.

Ptose mamária e gestão de expectativas

Um fenómeno que, por outro lado, se revela bastante comum em contexto de pós-gravidez e amamentação é a ptose mamária, vulgarmente designada como o fenómeno dos seios “descaídos”. Saliendo que este constitui um processo natural, subjacente ao crescimento da mama nos períodos mencionados antes do seu posterior atrofiamento, João Bravo Ferreira verifica que a com-

plexidade das intervenções estéticas poderão variar, consoante a paciente. “Existem casos simples em que bastará colocar uma prótese para que a mama fique bem composta, mas há também outros em que teremos de remover pele – pois há um volume que agrada à mulher, mas que se encontra dentro de um saco de pele muito grande”.

Porventura, na mais complexa das circunstâncias, poderá ser necessário conciliar a reposição de volume (por intermédio de uma prótese) com a remoção de pele. É nesse contexto que o especialista realça, de resto, a importância de existir uma boa comunicação prévia entre paciente e cirurgião, com o objetivo de compreender a que tipo de expectativas se procura atender e de que modo o procedimento será efetuado. A relevância desta conversa justifica-se, ainda, pelo combate a alguns mitos, como o de que o levantamento da glândula mamária se resolve pela colocação de uma prótese, quando a finalidade da mesma passa por “empurrar” o seio para à frente e não de o erguer. Significa isto que a prossecução dos objetivos e de uma autoestima apenas se conseguirão por intermédio de um esclarecimento integral, transparente e realista.

www.joabravoferreira.pt

Mamoplastia de Aumento